

## **A Escrita das Línguas de Sinais: Um pouco da história e do desenvolvimento do Sistema Signwriting**

### **Writing Sign Languages: A brief history and development of the Signwriting System**

DOI: [10.22481/lnostr.v.13i2.18604](https://doi.org/10.22481/lnostr.v.13i2.18604)

Melquisedeque Oliveira Silva Almeida  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4438-7272>  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Email: [melquisedeque.almeida@uesb.edu.br](mailto:melquisedeque.almeida@uesb.edu.br)

Márcia Meira Leite de Oliveira  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3037-4396>  
Email: [marciaqjoia@gmail.com](mailto:marciaqjoia@gmail.com)

#### **Resumo**

A escrita das línguas de sinais tem recebido atenção crescente nos campos da linguística, da educação e dos estudos surdos, especialmente diante da necessidade de sistemas capazes de registrar a modalidade visuoespacial dessas línguas. Este artigo apresenta o desenvolvimento do sistema de escrita Signwriting (SW) e enfatiza seu papel central como o sistema mais completo, icônico e funcional para o registro e a comunicação cotidiana em línguas de sinais. São analisadas suas características estruturais, sua evolução histórica, sua adoção internacional e sua relevância para os processos de letramento, preservação cultural e fortalecimento identitário da comunidade surda. Por fim, o artigo introduz um manual básico para a leitura de textos escritos em Signwriting.

**Palavras-chaves:** Escrita de Sinais. Signwriting. Libras. Sistemas de Escritas.

#### **Abstract**

The writing of sign languages has received increasing attention in the fields of Linguistics, Education, and Deaf Studies, especially given the need for systems capable of recording the visuospatial modality of these languages. This article presents the development of the Signwriting (SW) writing system and emphasizes its central role as the most complete, iconic, and functional system for recording and everyday communication in sign languages. Its structural characteristics, historical evolution, international adoption, and relevance to literacy processes, cultural preservation, and identity strengthening of the deaf community are

analyzed. Finally, the article introduces a basic manual for reading texts written in Signwriting.

**Keywords:** Sign Writing. Signwriting. Libras. Writing Systems.

## 1. Introdução

A escrita das línguas de sinais é um tema que suscita interesse crescente nas áreas da linguística, na educação e em áreas afins. As línguas de sinais, como formas naturais de comunicação distintas, possuem gramática e sintaxe próprias, apresentando a necessidade de um sistema que possibilite sua representação escrita. Este artigo propõe-se a explorar a evolução da escrita das línguas de sinais, e apresentar um manual básico para a leitura de textos traduzidos e escritos usando o sistema Signwriting (SW).

A trajetória da escrita, tanto nas línguas orais (ELO) quanto nas línguas de sinais (ELS), marca uma ruptura decisiva no desenvolvimento da humanidade. Ao permitir que o conhecimento seja fixado e transmitido para além do tempo e do espaço, a escrita tornou-se um dos pilares do avanço social, cognitivo e linguístico das civilizações.

## 2. Gênese e evolução da escrita nas línguas orais (ELO)

O desenvolvimento da escrita percorreu um caminho que vai dos desenhos e marcas mnemônicas até sistemas totalmente fonéticos. Inicialmente, a humanidade recorreu a estratégias de memória visual, como nós, entalhes e pictogramas, usados sobretudo para registrar informações comerciais. Com o tempo, esses recursos evoluíram para sistemas mais elaborados. A história documenta quatro grandes tradições gráficas que se desenvolveram de forma independente e serviram de base para as escritas atuais.

Os principais sistemas de escrita da antiguidade apresentam trajetórias distintas, refletindo necessidades culturais e linguísticas específicas. A escrita cuneiforme, desenvolvida pelos sumérios por volta de 3300 a.C., evoluiu de um conjunto de pictogramas para um sistema que combinava valores silábicos e fonéticos, registrado em tábuas de argila com estiletos em forma de cunha. No Egito, os hieróglifos — de natureza sagrada — constituíam um sistema logoconsonantal que representava sobretudo consoantes, inaugurando um método sistemático de notação de sons consonantais.

Na Ásia oriental, os ideogramas chineses, criado por volta de 1300 a.C., mantiveram-se notavelmente estáveis ao longo dos séculos, preservando características originais até a atualidade. Já nas civilizações mesoamericanas, desenvolveram-se diversos sistemas de glifos de forma autônoma, entre os quais o sistema maia se destaca como o mais complexo e também o mais amplamente decifrado.

Conforme Almeida (2023) é atribuído aos fenícios a transformação da escrita cuneiforme em escrita fonética, forma de escrita que utiliza sinais fonéticos, ou seja, sinais que representam os sons das sílabas das palavras, sem ter com elas qualquer relação de significado. As escritas fonéticas podem ser silábicas ou alfabéticas. O avanço do princípio fonético como base para a escrita desenvolvida pelos fenícios teve impacto duradouro. Os gregos, ao adaptarem o alfabeto fenício e introduzirem as vogais, deram origem ao sistema que mais tarde produziria o alfabeto latino, hoje amplamente difundido no mundo.

### **3. Reconhecimento linguístico e escrita das línguas de sinais**

Diferentemente das ELO, as Línguas de Sinais (LS) enfrentaram, ao longo de sua história, preconceitos que retardaram o reconhecimento de seu status linguístico. Durante séculos, foram vistas apenas como gestos improvisados, percepção que culminou no Congresso de Milão (1880), que proibiu seu uso na educação de surdos, impondo o oralismo e interrompendo iniciativas de registro escrito.

Esse cenário começou a mudar apenas na década de 1960, quando o pesquisador William C. Stokoe demonstrou que a American Sign Language (ASL) possuía estrutura tão complexa quanto qualquer língua oral. Sua obra, *Sign Language Structure*, abriu caminho para o estudo científico das LS e para a compreensão de que elas também precisavam de sistemas de escrita próprios, capazes de registrar sua natureza visual e espacial. Com o objetivo de facilitar seus estudos linguísticos da ASL, ele criou um sistema que ficou conhecido como Notação de Stokoe.

As primeiras tentativas de criar sistemas de escrita específicos para línguas de sinais surgiram entre os séculos XIX e XX. A *Mimographie*, proposta por Roch-Ambroise Auguste Bébian, constitui o primeiro esforço sistemático nesse sentido tendo um conjunto de cerca de 190 símbolos capazes de registrar elementos fundamentais dos sinais, como forma da mão, movimento e expressões faciais. Já em 1965, a Notação de Stokoe marcou um avanço

decisivo ao oferecer um sistema voltado à descrição linguística da ASL, estruturado a partir dos parâmetros de localização, configuração das mãos, movimento, orientação e sinais diacríticos, estabelecendo bases para análises mais formais das LS.

### **3.1 Consolidação dos Sistemas de Escrita de Sinais**

A necessidade de registrar graficamente uma língua tridimensional em suportes bidimensionais levou ao desenvolvimento de sistemas cada vez mais sofisticados. Entre eles, o SignWriting (SW) que se tornou o mais abrangente e difundido. Criado em 1974 por Valerie Sutton, inicialmente para registrar movimentos de dança, o sistema foi adaptado para escrever as LS. O SW combina elementos fonográficos e pictográficos, permitindo representar configurações de mãos, movimentos, expressões faciais e pontos de articulação, o que o torna aplicável a qualquer língua de sinais.

Em 1985, pesquisadores da Universidade de Hamburgo criaram o sistema HamNoSys. Voltado sobretudo para estudos acadêmicos, ele passou por várias revisões e tornou-se amplamente utilizado em estudos linguísticos das línguas de sinais. Assim como o SW, oferece recursos para representar aspectos não manuais, porém não foi projetado para registrar sentenças completas. A escrita é linear, da esquerda para a direita, utilizando subscritos, sobrescritos e sinais diacríticos. Cada sinal segue a ordem: configuração de mão, orientação, localização e ações.

No Brasil, o SW chegou em 1996, por meio do Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa (PUC-RS) e ganhou força com o trabalho da professora surda Marianne Rossi Stumpf, que o aplicou na alfabetização de crianças surdas e ajudou a consolidá-lo na comunidade usuária de Libras. Além do SW, no Brasil também se desenvolveu sistemas próprios, como a ELiS (Escrita das Línguas de Sinais), criada pela Professora Mariângela Estelita Barros. De base alfabética e linear, o sistema ELiS inspira-se nos parâmetros propostos por Stokoe. A ELiS registra quatro elementos principais: configuração de dedos, orientação da palma, ponto de articulação e movimento. Por fim, em abril de 2009, a Professora Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira criou o SEL, também um sistema alfabético e linear para registrar línguas de sinais. Nele, cada sinal é composto por três unidades específicas: mão, locação e movimento.

A existência de sistemas de escrita, especialmente do SignWriting, representa um avanço significativo para a comunidade surda. Eles garantem não apenas um meio de registro linguístico adequado, mas também a possibilidade de preservar histórias, construir literatura própria e promover o pleno desenvolvimento cognitivo e social das pessoas surdas. A escrita, portanto, deixa de ser apenas um instrumento técnico e passa a integrar a identidade cultural e linguística das línguas de sinais.

### 3.2 Histórico e Evolução do Sistema SignWriting (SW)

O SW é um sistema de escrita visual que foi concebido e evoluído a partir de uma necessidade de registro de movimentos, consolidando-se como uma das maiores invenções para a comunidade surda. Em **1974**, Valerie Sutton foi convidada por pesquisadores de Língua de Sinais Dinamarquesa da **Universidade de Copenhague**, Dinamarca, a adaptar seu sistema de escrita de dança para registrar os sinais gravados em vídeo. Esta adaptação deu origem ao SW.

Esse sistema passou por uma evolução contínua e conforme Barreto e Barreto (2015), no início o SW era manuscrito, e com o tempo se tornou digital. Correia (2019) destaca que a consolidação do SW ocorreu por meio de decisões tomadas pelos próprios usuários surdos ao longo das décadas. Em 1984, eles definiram que a escrita adotaria a perspectiva expressiva do sinalizador, priorizando o ponto de vista em primeira pessoa. Poucos anos depois, em 1986, o sistema passou a ser digitalizado com o programa SignWriter, permitindo que os sinais fossem representados de forma aglomerada ou “empilhada”, aproximando a escrita da aparência espacial e tridimensional da sinalização. Em 1994, estabeleceu-se o padrão de orientação vertical, lido de cima para baixo e da esquerda para a direita, pois essa organização em colunas demonstrou ser mais eficiente em facilitar a identificação do narrador, personagens, elementos espaciais e classificadores.

Com o desenvolvimento do sistema, surgiu o *Alfabeto Internacional de SignWriting (ISWA 2010)*, considerado sua versão mais completa e estável. Esse conjunto de grafemas padroniza a escrita e garante maior consistência nas representações, permitindo que o SW seja utilizado internacionalmente em contextos educacionais, acadêmicos e comunitários.

### 3.3 Diferenciação dos outros sistemas

As diferenças entre os sistemas de escrita para línguas de sinais podem ser observadas em múltiplas dimensões, começando pela estrutura e organização gráfica. Brito (2021) cita que enquanto o SW adota uma organização espacial ao nível do sinal ou da palavra — aglomerando e empilhando símbolos em um espaço bidimensional que imita a configuração articulatória real — a maioria dos demais sistemas emprega uma disposição linear e horizontal, escrita da esquerda para a direita. Conforme Correia (2019), o SW destaca-se como o único sistema que não segue um formato linear no nível do sinal, ao passo que sistemas lineares, como HamNoSys, ELiS e SEL, estabelecem uma ordem fixa para a notação de parâmetros fonológicos.

Outra distinção fundamental refere-se ao propósito e à aplicação de cada sistema. O SW é amplamente reconhecido como o único sistema concebido e efetivamente utilizado para comunicação cotidiana entre pessoas surdas, empregado em contextos educacionais e acadêmicos e difundido internacionalmente. Em contraste, Freitas (2020) menciona que sistemas como Notação de Stokoe e HamNoSys têm finalidade eminentemente descritiva e analítica, funcionando como ferramentas de anotação linguística e não como sistemas de escrita de uso social.

Ainda se referindo as diferenças que também se estendem à representação de elementos não manuais, Barreto e Barreto (2015) argumenta que o SW oferece uma descrição completa dos articuladores, incluindo expressões faciais, postura corporal e outros elementos não manuais essenciais à interpretação do sinal, tendo sido o primeiro sistema a registrar adequadamente tais componentes. Sistemas anteriores, como a Notação de Stokoe, não incorporam esses parâmetros, e mesmo sistemas mais robustos, como HamNoSys, apresentam lacunas na descrição detalhada desses elementos, além de limitações no registro de movimentos corporais não manuais.

No que diz respeito à iconicidade, o SW caracteriza-se por uma forte motivação visual: seus grafemas são predominantemente icônicos e não arbitrários, representando diretamente a forma como os fonemas das línguas de sinais são realizados. De acordo com Brito (2021), diferentemente das escritas alfabéticas orais — que são arbitrárias e exigem conhecimento prévio da língua falada — o SW constitui uma escrita de traços não arbitrários,

sem caráter ideográfico, pois registra unidades corpóreo-visuais mínimas e não significados, possibilitando o leitor realizar qualquer de qualquer língua de sinais.

Gonçalves-Filho (2023) em sua tese de doutorado, mencionou pesquisas que mostraram a alfabetização de crianças surdas mediada pelo SW proporcionando a aquisição da escrita de forma que lhes faz verdadeiro sentido, pois evoca o conhecimento linguístico da Libras, sem a necessidade de tradução ou interferência da língua portuguesa. O sistema proporciona conforto linguístico e fluência na leitura para o leitor surdo, que reconhece essa forma de escrita como uma representação autêntica e legítima de sua língua natural.

Por fim, os sistemas variam quanto à complexidade interna e ao nível de detalhamento. O SW é um sistema completo e estável, com um amplo inventário simbólico que permite representar detalhadamente configurações de mão, locações, movimentos, orientações e expressões. A ELiS, entretanto, foi desenvolvida com uma abordagem mais sintética e linear, reduzindo o número de símbolos ao adotar a configuração de dedos como base combinatória. Assim, enquanto o SW privilegia a precisão e a abrangência na representação, a ELiS destaca-se pela agilidade e simplicidade em contextos de escrita mais prática porém limitada.

A alfabetização em Libras, defendida por Freitas (2020), trata-se da aprendizagem de um sistema de escrita que seja capaz de registrar desde as menores unidades constitutivas do léxico da Libras, até a sua morfologia e sintaxe espacial, sendo o SW um instrumento assumido para esse fim. Este sistema consegue representar de forma mais abrangente as características essenciais das LS, que são línguas de modalidade corpóreo-visual (visuoespacial). O sistema SW é uma escrita visual direta e completa, estruturada para representar os traços fonológicos e sintáticos das LS. Para a aquisição acelerada deste sistema, é crucial focar simultaneamente no domínio dos seus elementos segmentais (os grafemas que representam os fonemas) e na compreensão das regras de organização espacial, que refletem a natureza tridimensional da Libras.

Em síntese, o SW ultrapassou a função de mera notação linguística (função principal de sistemas como o de Stokoe) ao incorporar a tridimensionalidade e a totalidade dos articuladores corpóreo-faciais em uma estrutura espacial e icônica. Essa fidelidade à modalidade visuoespacial da língua de sinais o torna o sistema mais adequado e eficaz para a comunicação diária e o letramento da comunidade surda.

#### 4. Manual prático do sistema de escrita signwriting

Antes de analisar o sistema em si, é fundamental compreender alguns princípios que orientam tanto a leitura quanto a escrita no SW. A perspectiva adotada é a expressiva, isto é, o texto é escrito como se o sinalizador estivesse olhando para as próprias mãos, mantendo sempre o ponto de vista em primeira pessoa.



Fonte: Almeida (2023)

Outro aspecto essencial é a representação do espaço de sinalização, que corresponde ao espaço físico utilizado para realizar os sinais. Nesse contexto, o *plano parede* é projetado paralelamente às paredes, enquanto o *plano chão* é projetado paralelamente ao piso e ao teto, servindo como referência para a localização e o movimento dos sinais.



Fonte: Almeida (2023)

O sistema possui três configurações básicas de mão, que dão origem a diversas variações conforme a disposição dos dedos, os planos utilizados e a orientação da palma. Apesar das modificações, as três formas fundamentais permanecem constantes.



Fonte: Almeida (2023)

As orientações da palma e as variações dos planos são aplicadas diretamente às configurações básicas para garantir precisão na representação.



Fonte: Almeida (2023)

O SW também dispõe de símbolos específicos para representar superfícies, empregados apenas quando o sinal exige esclarecimento adicional sobre a posição ou a sobreposição das mãos.



Fonte: Almeida (2023)

Embora qualquer sinal possa ser executado com uma ou outra mão, sua representação gráfica deve indicar explicitamente se trata da mão direita ou da esquerda. Essa distinção é feita pela marcação do dorso da mão: a parte escura do símbolo indica qual mão está sendo representada.



Fonte: Almeida (2023)

Vejamos abaixo algumas tabelas de configurações de mão, que representam as diferentes orientações da palma de acordo com os dois planos (parede e chão).



CONFIGURAÇÕES DE MÃOS					
	PLANO PAREDE	PLANO CHÃO		PLANO PAREDE	PLANO CHÃO

Fonte: Almeida (2023)



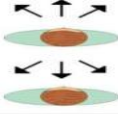





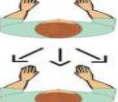

CONFIGURAÇÕES DE MÃOS					
	PLANO PAREDE	PLANO CHÃO		PLANO PAREDE	PLANO CHÃO

Fonte: Almeida (2023)







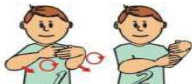







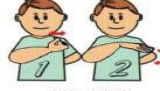

O sistema SW utiliza setas e símbolos de contatos para representar os movimentos, expressos nos sinais realizados no espaço de sinalização. Vejamos nas tabelas a seguir grupos de movimentos.

MOVIMENTOS - DEDOS		
 <p>MOVIMENTO QUE FECHA A ARTICULAÇÃO</p>	<p>VARIAÇÕES</p> 	<p>EXEMPLO:</p>  <p>QUANTOS</p>
 <p>MOVIMENTO QUE ABRE A ARTICULAÇÃO</p>	<p>VARIAÇÕES</p> 	<p>EXEMPLO:</p>  <p>MUITO</p>
 <p>MOVIMENTO QUE FLEXIONA A ARTICULAÇÃO</p>	<p>VARIAÇÕES</p> 	<p>EXEMPLO:</p>  <p>ACEITAR</p>
 <p>MOVIMENTO QUE ESTENDE A ARTICULAÇÃO</p>	<p>VARIAÇÕES</p> 	<p>EXEMPLO:</p>  <p>MUITO</p>

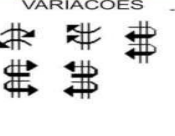
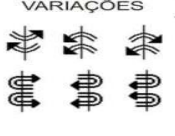

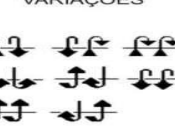
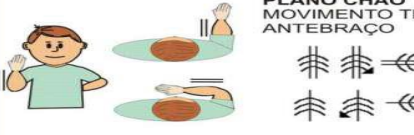

Fonte: Almeida (2023)

MOVIMENTOS DAS MÃOS		
PLANO PAREDE/PLANO CHÃO		EXEMPLOS
 <p>PLANO PAREDE SENTIDO CIMA/ BAIXO.</p>	<p>VARIAÇÕES</p> <p>MOVIMENTOS CURVOS</p> 	 <p>ACEITAR</p>
 <p>PLANO CHÃO SENTIDO FRENTE/ ATRÁS.</p>	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>ESPINHA (ACNE)</p>
 <p>PLANO PAREDE SENTIDO CIMA/ BAIXO. AS DUAS MÃOS MOVEM-SE JUNTAS COMO UNIDADE.</p>	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>CAMA</p>
 <p>PLANO CHÃO SENTIDO FRENTE/ ATRÁS. AS DUAS MÃOS MOVEM-SE JUNTAS COMO UNIDADE.</p>	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>APRESENTAR</p>

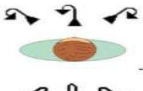


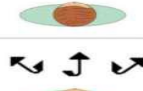


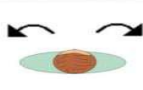


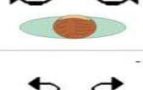


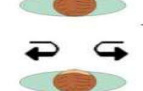
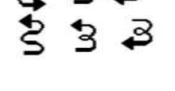

Fonte: Almeida (2023)

MOVIMENTOS - COTOVELO, PULSO E MÃO	
PLANO PAREDE/PLANO CHÃO	EXEMPLOS
 <p><b>PLANO PAREDE</b> MOVIMENTO CIRCULAR DO COTOVELO</p> 	  <p>COSTURAR</p>
 <p><b>PLANO CHÃO</b> MOVIMENTO CIRCULAR DO COTOVELO</p> 	  <p>GERAÇÃO</p>
 <p><b>PLANO PAREDE/CHÃO</b> MOVIMENTO CIRCULAR DO PULSO</p> 	  <p>CHAVE</p>
 <p><b>PLANO PAREDE/CHÃO</b> PULSO ESTÁVEL COM MOVIMENTO DA MÃO</p> 	  <p>BARATO</p>

Fonte: Almeida (2023)

MOVIMENTOS - ANTEBRAÇO		
PLANO PAREDE/PLANO CHÃO		EXEMPLOS
<p><b>PLANO PAREDE</b> ROTAÇÃO DO ANTEBRAÇO</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>ESPELHO</p>
<p><b>PLANO CHÃO</b> ROTAÇÃO DO ANTEBRAÇO</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>OPOSTO</p>
<p><b>PLANO CHÃO</b> ROTAÇÃO DO ANTEBRAÇO</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>BALANÇO</p>
<p><b>PLANO CHÃO</b> MOVIMENTO TRÊMULO DO ANTEBRAÇO</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>RIR</p>

Fonte: Almeida (2023)

MOVIMENTOS - CURVOS		
PLANO CHÃO		EXEMPLOS
<p><b>MOVIMENTO CURVO</b> P/ FRENTE POR CIMA</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>CORAGEM</p>
<p><b>MOVIMENTO CURVO</b> P/ TRÁS POR CIMA</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>APROVAR</p>
<p><b>MOVIMENTO CURVO</b> P/ FRENTE P/ O LADO</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>AO CONTRÁRIO</p>
<p><b>MOVIMENTO CURVO</b> P/ O LADO P/ FRENTE P/ O LADO</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>RIR</p>
<p><b>MOVIMENTO CURVO</b> P/ O LADO P/ TRÁS P/ O LADO</p> 	<p>VARIAÇÕES</p> 	 <p>RIR</p>

Fonte: Almeida (2023)

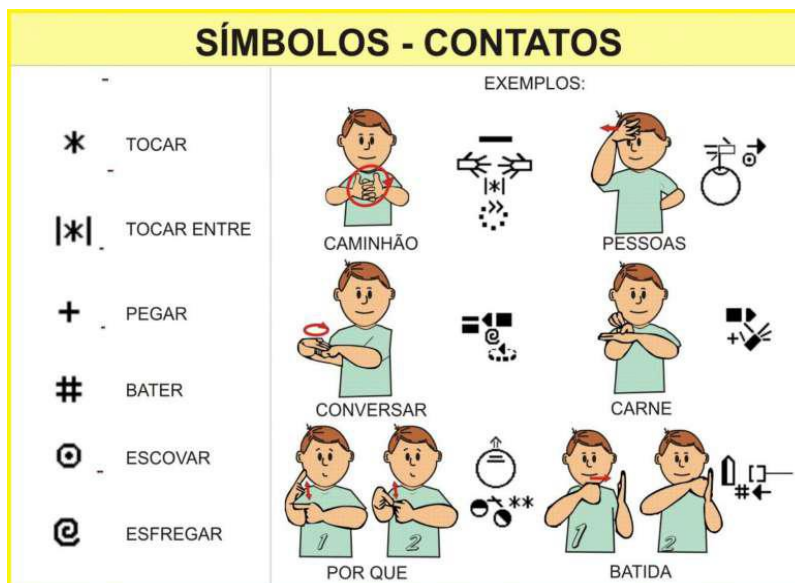


Fonte: Almeida (2023)



Fonte: Almeida (2023)

De acordo com Capovilla (2006), no sistema SW há seis símbolos de contato básicos que são: *Tocar*, usado como um toque simples; *Agarrar*, usado de forma a segurar algo; *Tocar-entre*, o toque ocorre entre dois pontos; *Bater*, usado quando o sinal requer um toque que exige uma batida com força; *Escovar*, usado quando o contato exige deslizamento na superfície, saindo da superfície; *Esfregar*, esse tipo de contato é parecido com escovar, a diferença é que ao invés de sair da superfície o movimento permanece.



Fonte: Almeida (2023)

As expressões faciais e corporais são também conhecidas como expressões não-manuais, pois os movimentos envolvidos são os da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Aplicam-se a duas funções importantes na LS, que são as marcações de construções sintáticas e as diferenciações de itens lexicais. Conforme Quadros (2004), as expressões não-manuais marcam “*referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto*”. Vejamos como representar algumas das principais expressões faciais.

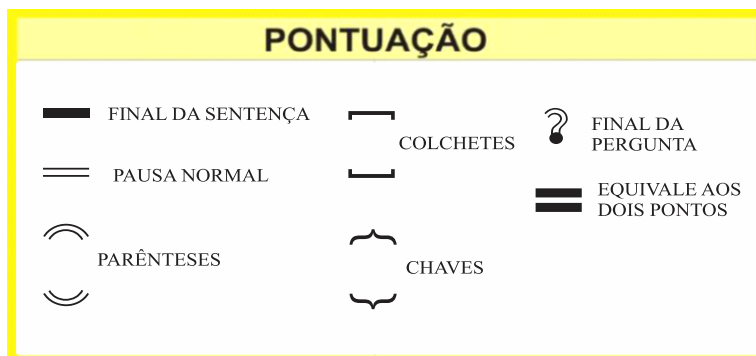
EXPRESSÕES FACIAIS			
	TESTA		SOPRANDO O AR
	TESTA FRANZIDA		EXPIRANDO
	SOBRANCELHAS PARA CIMA		INSPIRANDO
	SOBRANCELHAS PARA BAIXO		BOCA
	OLHOS ABERTOS		SORRISO FECHADO
	OLHOS ESPREMIDOS		TRISTE
	OLHOS ARREGALADOS		BOCEJO
	OLHOS FECHADOS		SORRISO, BOCA MEIO ABERTO
	OLHAR PARA CIMA		TRISTE, BOCA MEIO ABERTA
	OLHAR PARA BAIXO		BOCA ABERTA
	OLHAR PARA FRENTE		LÍNGUA EXPOSTA PARA CIMA, BOCA FECHADA
	OLHAR PARA TRÁS		DENTES
	BOCHECHAS ESTUFADAS		DENTES MORDENDO O CENTRO DOS LÁBIOS
	BOCHECHAS		QUEIXO PARA CIMA
	BOCHECHAS SUGADAS		QUEIXO PARA FRENTE
	BOCHECHAS TENSAS		EXPRESSA QUESTÃO
	LÍNGUA NA BOCHECHA ESQUERDA		EXPRESSÃO RADIANTE
	NARIZ		PESCOÇO
	TOQUE NA PONTA DO NARIZ		ORELHAS
	NARIZ FRANZIDO		

Fonte: Almeida (2023)

As expressões corporais abrangem basicamente movimentos da cabeça, ombros e tronco. Os principais são apresentados na tabela abaixo.

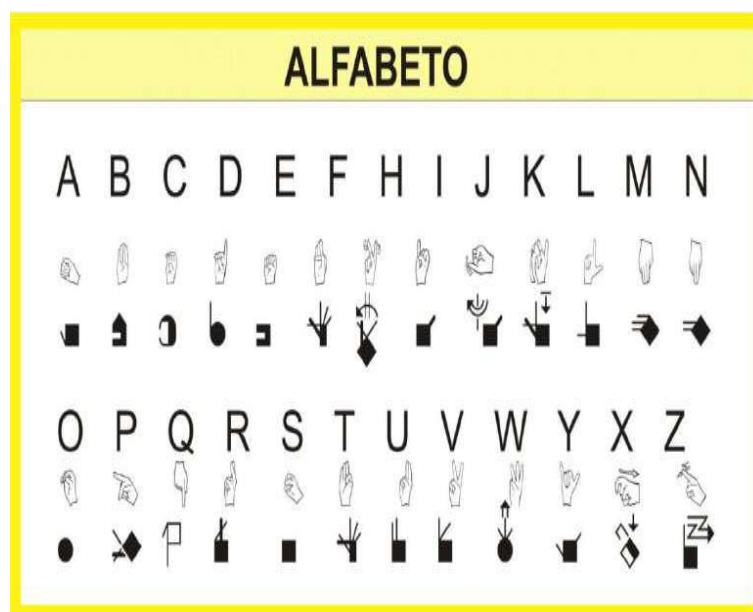
EXPRESSÕES CORPORAIS			
	ATRÁS DA CABEÇA		OMBROS
	OMBROS (VISTA DE CIMA)		OMBRO DIREITO ELEVADO
	CABEÇA PARA CIMA		OMBROS VIRADOS PARA ESQUERDA
	CABEÇA PARA BAIXO		OMBROS ABAIXADOS
	CABEÇA PARA LATERAL		OMBRO ESQUERDO ABAIXADO
	CABEÇA PARA FRENTE		OMBRO ESQUERDO, OMBRO DIREITO ELEVADO
	CABEÇA PARA TRÁS		OMBROS MOVEM PARA CIMA
	CABEÇA PARA LATERAL		OMBROS MOVEM PARA BAIXO
	CABEÇA RETA		OMBROS MOVEM PARA FRENTE
	CABEÇA VIRADA PARA ESQUERDA		OMBROS MOVEM PARA TRÁS
	CABEÇA VIRADA PARA DIREITA		OMBRO DIREITO INCLINADO PARA FRENTE
	CABEÇA PARA CIMA		OMBRO DIREITO INCLINADO PARA TRÁS
	CABEÇA PARA CIMA PARA ESQUERDA		TRONCO GIRA PARA FRENTE, PARA ESQUERDA
	CABEÇA PARA CIMA PARA ESQUERDA		TRONCO GIRA PARA FRENTE, PARA DIREITA
	CABEÇA PARA CIMA PARA ESQUERDA		TRONCO ESTCA PARA CIMA
	CABEÇA PARA CIMA PARA ESQUERDA		TRONCO MOVE PARA BAIXO
	CABEÇA PARA CIMA INCLINADA PARA DIREITA		TRONCO CURVA PARA CIMA PARA UM LADO
	CABEÇA PARA CIMA		OMBROS E BRAÇO ESQUERDO
	CABEÇA PARA BAIXO		OMBROS E BRAÇO DIREITO EM ÂNGULO RETO
	CABEÇA VIRADA PARA ESQUERDA INCLINADA PARA ESQUERDA		OMBROS E BRAÇO DIREITO EM ÂNGULO ABERTO
	CABEÇA PARA CIMA VIRADA PARA ESQUERDA INCLINADA PARA DIREITA		OMBROS E BRAÇO ESTENDIDO RETO

A pontuação é um elemento importante na escrita de uma língua. A pontuação indica onde devemos pausar, parar, fazer uma sentença rápida etc. Vejamos alguns dos principais sinais de pontuação usados no sistema SW.



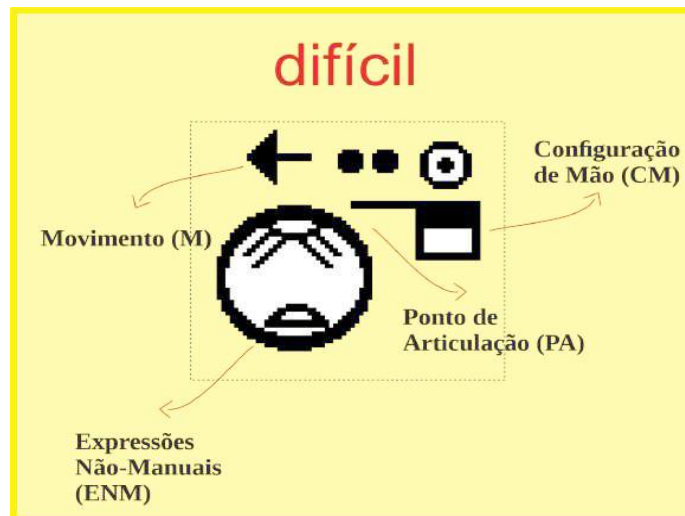
Fonte: Almeida (2023)

O Alfabeto datilológico ou manual, são representados no sistema SW, pelos seguintes símbolos abaixo.



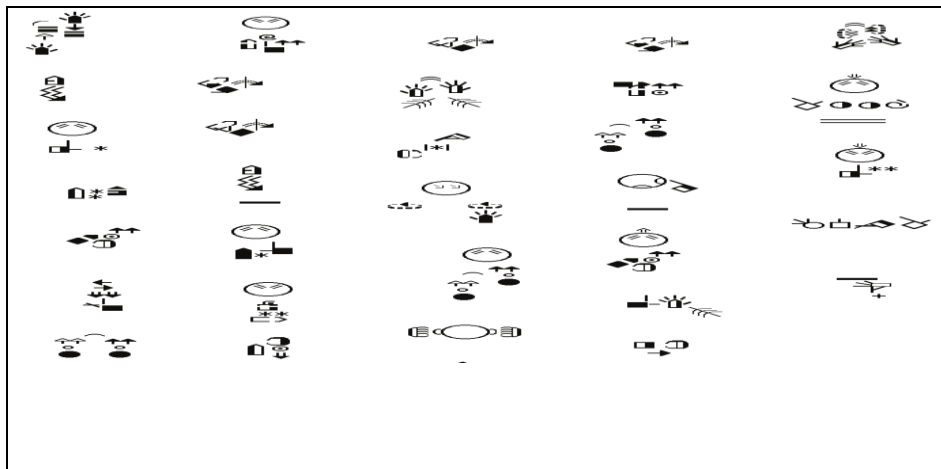
Fonte: Almeida (2023)

Além disso, o sistema utiliza as três dimensões do espaço (x, y e z), permitindo registrar a posição de objetos, ações e referências espaciais dentro do sinal. A escrita é organizada dentro de um quadrado, semelhante aos caracteres chineses, mantendo a noção de tridimensionalidade. Cada símbolo correspondente a um parâmetro é posicionado de acordo com a localização aproximada que ocuparia durante a execução real do sinal.

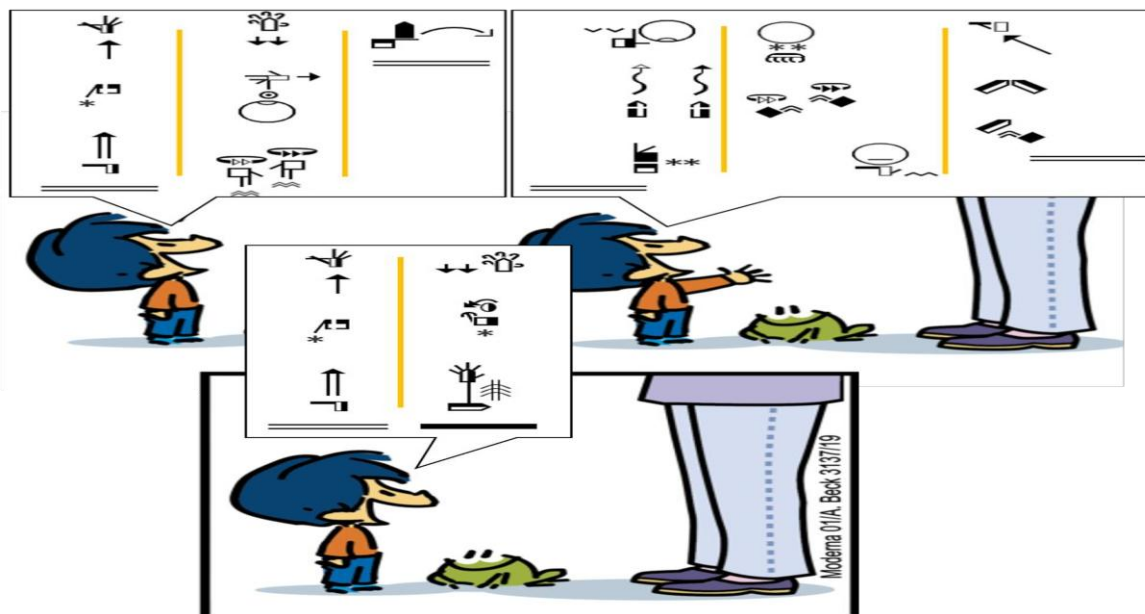


Fonte: Almeida (2023)

Existe uma linha imaginária que marca o meio da coluna e que não faz parte da escrita; ela é mencionada aqui apenas para facilitar a compreensão. Observe que os sinais podem ser registrados no centro ou em um dos lados da coluna (direito ou esquerdo), indicando o local em que são realizados no espaço. Essa forma de organização do espaço de escrita permite representar adequadamente essas marcações, facilitando a compreensão textual e expressiva da escrita. Veja, a seguir, alguns exemplos de textos escritos em SW:



Fonte: Stumpf (2010, p.167)



Fonte: Barros (2020, p.39)

## Considerações finais

A trajetória das escritas das línguas de sinais revela um percurso marcado por obstáculos históricos, avanços científicos e intensa participação da comunidade surda na construção de sistemas que representem com fidelidade sua língua natural. Entre as alternativas disponíveis, o SW se destaca por sua abrangência, precisão e capacidade de refletir a natureza tridimensional, corpóreo-visual e espacial das línguas de sinais. Sua estrutura icônica, aliada ao registro completo dos articuladores manuais e não manuais, torna-o não apenas um instrumento técnico, mas um meio legítimo de comunicação, letramento e produção cultural.

A consolidação do SW em contextos educacionais, acadêmicos e sociais evidencia seu potencial para promover autonomia linguística, ampliar o acesso à escrita e fortalecer identidades surdas. Assim, compreender seu funcionamento e sua evolução histórica não apenas contribui para os estudos linguísticos, mas também favorece práticas pedagógicas mais inclusivas e alinhadas às necessidades da comunidade surda. O avanço contínuo das pesquisas e a expansão do uso do SW indicam um caminho promissor para a escrita das línguas de sinais e para o reconhecimento pleno de sua importância na sociedade.

## Referências

ALMEIDA, M. O. S. **Escrita das Línguas de Sinais**: Principais modelos propostos. 1. ed. Vitória da Conquista, BA: Edição do Autor, 2023. ISBN: 978-65-00-89758-6.

BARROS, R. O. **Como escrever em Libras**. 1. ed. São José, SC: Edição do Autor, 2020. Disponível em: [http://signwriting.org/archive/docs13/sw1278\\_BR\\_Como\\_escrever\\_em\\_Libras\\_Ricardo\\_Barr os\\_05292020.pdf](http://signwriting.org/archive/docs13/sw1278_BR_Como_escrever_em_Libras_Ricardo_Barr os_05292020.pdf). Acesso em: 13 out.2025.

BARROS, R. F. de (Org.). **Tradução para Libras Escrita**: relatos sobre o processo de tradução e implementação do SignWriting em um sistema de revistas científicas para surdos. São Carlos: Editora Scienza, 2021.

CAPOVILLA, F.C. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira. Volume I: Sinais de A a L. São Paulo: Editora da USP, 2001.

CARNEIRO, F. H. F. **Escrita da Língua de Sinais**: elementos introdutórios. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

CORREIA, I. C. **A evolução da escrita da língua de sinais no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 2019.

CORREIA, M. **Introdução à Escrita de Sinais**. 1. ed. Indaial: UNIASSELVI, 2019.

FREITAS, I. F. de. Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, 2020. Aprovado em: 10 fev. 2020.

GONÇALVES-FILHO, J. S. T. **Textos Escritos em Libras (SignWriting)**: conhecimentos e compreensão de leitores surdos. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2023.

MARQUEZI, L. **Literatura surda**: o processo de tradução e transcrição em SignWriting. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2018.

NASCIMENTO, L. R. S.; COSTA, E. da S. (Org.). **Escrita de sinais no Brasil e suas interfaces**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2022.

QUADROS, Rocine Muller, KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. dos (Org.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. v. 7. Rio Branco: Edufac, 2023.

SUTTON, V. J. **Sign Writing Shorthand for Sign Language Stenography**. La Jolla, CA: The Sutton Movement Writing Press; The Center for Sutton Movement Writing, Inc., 1982.

STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronilce M. Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais: formação e pesquisa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, vol.2, n. 26, p. 165-205, 2010.

**Submetido em:** 20/11/2025

**Aprovado em:** 24/12/2025